

Ecumenismo e militância religiosa: o protestantismo como objeto de estudo

Ecumenism and religious militancy: Protestantism as an object of study

*Tiago Hideo Barbosa Watanabe**

Resumo

Os primeiros estudos sobre o protestantismo brasileiro realizados na academia brasileira surgiram com regularidade a partir dos anos 1970. Neste artigo, mostraremos a interação dos três principais locais de produção desses primeiros estudos: o primeiro, situado fora do Brasil, relativo a uma produção de dissertações e teses defendidas em seminários e universidades norte-americanas; o segundo, artigos e livros financiados por organismos ecumênicos nacionais e internacionais; e, por fim, a produção dos departamentos de Ciências Humanas das universidades brasileiras. Mostraremos que a proposta de mudança eclesiástica protestante em favor do ecumenismo perpassou esses três cenários influenciando consideravelmente o nascimento do estudo acadêmico do protestantismo no Brasil. Apresentaremos elementos para um debate a respeito de alguns dos limites e implicações que essa “opção ecumênica” teve para a compreensão do protestantismo brasileiro.

Palavras-chave: Protestantismo; História e religião; Protestantismo e ecumenismo.

Abstract

The first studies of Brazilian Protestantism made by the Brazilian academy started appearing regularly in the 1970's. This article points out the interaction among three main places where those studies were originally produced: the first one, situated outside Brazilian borders, refers to the production of thesis and dissertations in North-American universities and seminaries; the second is related to articles and books funded by national and international ecumenical bodies; the third is the academic production of Human Sciences departments in Brazilian universities. It is demonstrated that the intention of ecclesiastical protestant change in favor of ecumenism was present at those three main scenarios and has influenced the beginning of the academic studies of Protestantism in Brazil. Some elements are also presented to support a debate regarding the limits and implications of this “ecumenical option” to the comprehension of Brazilian Protestantism.

Key-words: Protestantism; History and religion; Protestantism and ecumenism.

A análise das primeiras pesquisas que tiveram o protestantismo como objeto de estudo é uma tarefa árdua. Primeiramente, porque, como veremos, o protestantismo foi estudado a partir de uma pluralidade de autores, métodos e teorias investigativas que impedem uma unificação dos estudos em uma disciplina. Além disso, a maior parte dos trabalhos produzidos entre os anos

* Doutor em História pela UNESP/Assis. E-mail: tiago.hideo.watanabe@terra.com.br

1960 e 1980 transitou em diferentes espaços e adotou teorias explicativas e motivações diversas para o entendimento do protestantismo brasileiro. Para oferecer ao leitor parte dessa complexidade (e a dificuldade) de estabelecer recortes temáticos ou disciplinares, elencamos alguns desses estudos a partir do local de produção deles. Trata-se de três cenários diferentes (mas não excludentes) que interagiram até os anos 1980: o primeiro, situado fora do Brasil, relativo a uma produção de dissertações e teses defendidas em seminários e universidades norte-americanas que tiveram o protestantismo como objeto de estudo; o segundo, artigos e livros financiados por agências ecumênicas nacionais e internacionais; e, por fim, a produção dos departamentos de ciências humanas das universidades brasileiras. Veremos que, diante dessa pluralidade, a militância religiosa e o ecumenismo perpassaram esses cenários, sendo eles importantes elementos nos primórdios dos estudos acadêmicos do protestantismo brasileiro.

Em 1974, David Gueiros Vieira, depois de um levantamento bibliográfico feito para a sua tese de doutorado, publicado em português com o título de *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil* (1980) concluiu que, somente nos Estados Unidos, existiam ao menos trinta obras (entre dissertações e teses de doutorado) defendidas em faculdades teológicas e universidades norte-americanas que, direta ou indiretamente, abordavam o protestantismo brasileiro no período entre os anos 1950-1974. Dentre os locais estavam os seminários teológicos já conhecidos dos protestantes brasileiros (matriz teológica dos missionários norte-americanos) como foi o caso do Princeton Theological Seminary¹ e, principalmente, os batistas Southwestern Baptist Seminary e Southern Baptist Theological Seminary². A novidade apresentada por Vieira foi constatar a existência de trabalhos defendidos em grandes universidades norte-americanas como a Columbia University³, University of California⁴, University of Chicago⁵ e University of Florida⁶.

Dessa forma, em 1974, segundo esse levantamento de Vieira, o número de estudos desenvolvidos no exterior poderia ser superior aos desenvolvidos aqui. Destacamos três causas para essa produção externa. A primeira é o fato de inexistirem centros de pós-graduação em Teologia no Brasil até o começo dos anos 1980; muitos pastores iam em direção aos Estados Unidos para complementar seus estudos e lá, como parte da sua formação, desenvolviam teses nas faculdades onde se especializavam. Outra explicação é a tradição dos

missionários norte-americanos (depois de realizarem trabalhos no Brasil) voltarem para sua terra natal com fontes e bibliografia, para a confecção de livros de memória, autobiografias e teses sobre a experiência nestas terras. A terceira explicação foi o contexto político e religioso brasileiro dos anos 1960, no qual muitos pastores e leigos encontraram exílio político e abrigo intelectual nos Estados Unidos. O maior exemplo foi o do teólogo e pastor presbiteriano Rubem Alves, que durante os anos 1960 estudou nos Estados Unidos e se doutorou em Filosofia no Princeton Theological Seminary, sob a orientação do seu antigo professor no Seminário Presbiteriano do Sul, Richard Shaull (Campos, 2008). O cenário religioso e político do Brasil, a repressão militar, a postura de engajamento e enfrentamento de alas religiosas despertara, por fim, o interesse de estudiosos norte-americanos, como é o caso dos estudos desenvolvidos na Columbia University.

A julgar pelos textos e aos títulos, temos obras plurais que utilizaram de diferentes métodos, teorias e tiveram desde objetivos paroquiais a acadêmicos nas suas pesquisas, sendo que, na maioria dos casos, os dois elementos interagem. Paul Pierson, por exemplo, ex-professor e ex-reitor do Seminário Presbiteriano do Recife (desligado do Seminário depois das reformas administrativas lideradas por Boanerges Ribeiro), em *The younger church in a search of maturity: Presbyterianism in Brazil from 1910 to 1959* (1974), livro resultante da tese de doutorado em Teologia, defendida em 1971, no Seminário de Princeton, reconstruiu a partir de fontes como os jornais eclesiásticos, as atas, relatórios de missionários e bibliografia (denominacional e acadêmica) o presbiterianismo brasileiro no referido período. Diferentemente dos livros de história eclesiástica, o autor contextualiza os principais dilemas denominacionais no cenário político, econômico e social brasileiro. O trabalho apresenta a melhor análise sobre o protestantismo nos anos 1930 a 1950, um período até hoje pouco explorado pelos estudiosos do protestantismo. Sua análise documental pretendia detectar os possíveis problemas na configuração do presbiterianismo para apontar soluções. Vivendo os anos conservadores da Igreja Presbiteriana do Brasil, Pierson defendia que a teologia vinda com os missionários presbiterianos, no contexto militar, teria produzido uma religião adequada aos anseios da classe média conservadora, mas muito distante das camadas mais pobres e das novas configurações sociais daquele momento. Trata-se de uma obra que procurava

construir uma análise sobre a conjuntura da igreja a partir de instrumental científico para, posteriormente, apontar soluções eclesiais.

Outro exemplo é o texto de Zaqueu Moreira de Oliveira, pastor brasileiro que defendeu em 1971 sua tese *The persecution of Brazilian Baptists and its Influence on their Development*, publicada pela Casa Publicadora Batista, com o sugestivo título de *Perseguidos, mas não desamparados* (1999). Trata-se de um livro escrito nos mesmos moldes de Pierson, com bibliografia secular e fontes não exclusivamente eclesiais. O autor utiliza-se de jornais seculares e religiosos para analisar os eventos violentos nos quais protestantes, em especial batistas, foram vítimas. Sua grande tese é de que o ecumenismo proposto pelos católicos nos anos 1960 não levava em conta o passado de disputas e os eventos em que protestantes foram vítimas; constituía-se, portanto, desrespeito aos antepassados e perigo concreto para os batistas a aproximação com Roma. Aqui, diferentemente dos teólogos da libertação, utiliza-se dos mesmos procedimentos metodológicos para inverter o polo argumentativo de colaboração ecumênica em favor do denominacionalismo protestante.

Diferentemente daqueles outros dois textos, David Gueiros Vieira defendeu sua tese de doutorado em História da América na American University publicada no Brasil, sob o título de *Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil* (1980). Sem as preocupações eclesiais, distante do ambiente ecumênico das demais obras, o autor, que era professor na Universidade de Brasília, constrói sua tese questionando se era procedente ou não a ideia disseminada desde o século XIX de que os protestantes eram agentes do imperialismo norte-americano. Sua pesquisa de dez anos em arquivos norte-americanos, nos Anais da Câmara dos Deputados e do Senado brasileiro trouxe uma primeira leitura dos pioneiros protestantes (sobretudo presbiterianos) analisadas a partir do cenário político, em especial do Rio de Janeiro. O autor analisa a rede política que os protestantes se utilizaram para se defenderem da ofensiva católica, os estreitos laços entre protestantes, políticos liberais como Aureliano Cândido Tavares Bastos, Caetano Furquim de Almeida e a maçonaria. Dentro do contexto de crise entre a esfera política e religiosa (na chamada “Questão Religiosa”) concluiu o autor que o protestantismo teve um papel importante nesse período, fomentando discussões contra católicos, apresentando-se como alternativa religiosa aos setores progressistas do império, defendendo, em bloco com os liberais maçônicos, a separação da Igreja e o

Estado. Trata-se de um trabalho que abordou um denso volume documental e bibliográfico; seguramente o trabalho mais sólido a respeito dos primórdios do protestantismo no Brasil.

Os estudos desenvolvidos sobre o protestantismo brasileiro nos Estados Unidos, de 1974 até os dias de hoje, continuam a existir, mas não existe um levantamento preciso a respeito do número de textos, o perfil dos autores e os aspectos desses estudos. Trata-se de um levantamento bibliográfico ainda a ser feito e analisado e, seguramente, um importante caminho a ser explorado pelos futuros pesquisadores.

No Brasil, além das próprias igrejas, a partir dos anos 1970, dois espaços se notabilizaram pela produção de estudos sobre os protestantes brasileiros. O primeiro é o meio acadêmico nacional, local de onde se observa um crescente número de estudos sobre o protestantismo nos departamentos de ciências humanas de universidades públicas brasileiras. Eis alguns exemplos. *O pietismo no Brasil*, de Elter Dias Maciel, foi a tese de doutorado apresentada no departamento de sociologia da Universidade de São Paulo em 1972, sob a orientação de Fernando Augusto Albuquerque Mourão. No mesmo ano, dois outros trabalhos, de Marli Geralda Teixeira, *Os batistas na Bahia: 1882-1925* (1972), dissertação de mestrado na Universidade Federal da Bahia; de Boanerges Ribeiro a dissertação *Independência nacional e liberdade de culto : 1822-1888: alguns aspectos culturais da introdução do protestantismo no Brasil e do presbiterianismo em São Paulo* (1972), defendida na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (publicada um ano depois com o título de *O Protestantismo Brasileiro no Brasil Monárquico*). Em 1979, Rubem Alves publicou *Protestantismo e Repressão*, texto construído para o seu concurso de livre-docência na Universidade Estadual de Campinas.

Concomitantemente aos estudos que privilegiaram a análise dos grupos protestantes mais antigos, depois dos anos 1960, observa-se o crescente interesse da academia pelos pentecostais. O primeiro e mais significativo estudo construído pelo sociólogo suíço Christian Lalive D'Épinay, que, a serviço do Conselho Mundial de Igrejas, analisou o crescimento do pentecostalismo chileno, foi publicado em português sob o título de *O refúgio das massas: estudo sociológico do protestantismo chileno* (1970). Em 1969, Beatriz Muniz de Souza, em *A experiência da salvação*, estuda os pentecostais da Assembleia de Deus em

São Paulo, sob a orientação de Cândido Procópio Ferreira; e, em 1974, o padre Francisco Cartaxo Rolim defende a tese *Pentecostalismo: gênese, estrutura e funções*, orientado por Maria Isaura Pereira de Queiroz, na Universidade de São Paulo. Cândido Procópio Ferreira de Camargo, responsável do CEBRAP para os estudos de religião, publicou, em 1973, em conjunto com Beatriz Muniz de Souza, Antonio Pierucci e outros estudiosos, *Católicos, Protestantes e Espíritas*, texto pioneiro das ciências sociais brasileiras no interesse pelos agentes religiosos, em especial, no gradiente umbandista-pentecostal.

A entrada do protestantismo na academia se fez sentir pela presença de dissertações e teses defendidas em departamentos de Ciências Humanas de universidades e pela contratação de alguns dos seus pesquisadores como professores universitários. Apropriando-se do momento de expansão do ensino superior e dos recursos para a pesquisa (através da concessão de bolsas de pós-graduação) existentes no Brasil dos anos 1970, os pesquisadores protestantes, além das suas pesquisas, construíram espaços de diálogo e produção intelectual (como revistas, centros de documentação, cursos de pós-graduação) permitindo o desenvolvimento de novas pesquisas, a formação de novos pesquisadores. A esse grupo de estudiosos é atribuído o nascimento da Sociologia do Protestantismo.

Além dos espaços acadêmicos, encontramos outro local de produção de estudos relativos ao protestantismo mais fluído e plural que os vistos acima. Trata-se de artigos, livros, panfletos veiculados em revistas e eventos de agências ecumênicas do Brasil e também do exterior. Construídas pelas alas progressistas do catolicismo e do protestantismo e financiadas por órgãos como o Conselho Mundial de Igrejas, essas revistas e espaços apresentaram um projeto eclesiástico amplo, com forte envolvimento político e social, sendo muitos dos seus membros, porta-vozes de denúncias contra a tortura no Brasil no exterior. Estamos falando de iniciativas como as revistas *Paz e Terra*, do *Instituto Superior de Estudos da Religião* (e a respectivas revistas *Cadernos do ISEER* e *Religião e Sociedade*), Centro Ecumênico de Documentação e informação (CEDI), CEHILA (Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina) e, no final dos anos 1970, dos cursos de Pós-Graduação em universidades confessionais, tais como o Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, (hoje curso de Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo) e o curso de pós-graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia (São Leopoldo-Rs). Trata-se de espaços criados para abrigar a pluralidade religiosa e o intercuro entre o mundo

intelectual e eclesiástico, sob a bandeira do diálogo ecumênico, da defesa dos direitos humanos e da justiça social.

A proposta de um diálogo ecumênico, iniciada no começo do século XX, com os primeiros missionários protestantes, ganhara significativa força nos anos 1930 e atingira seu ápice no começo dos anos 1960. Nos anos 1930, idealizada pelo pastor presbiteriano Erasmo Braga, a Confederação Evangélica Brasileira (CEB), fora criada para fazer frente ao fortalecimento do catolicismo no governo de Getúlio Vargas. A partir dos anos 1955, com as rápidas transformações sociais e a efervescência política do Brasil, a CEB assumiu, através do seu setor de Responsabilidade Social da Igreja, a função de realizar estudos para detectar as novas demandas da sociedade brasileira, seus agentes e problemas sociais para elaborar estratégias de ação frente a elas. Realizaram-se, a partir daquele momento, uma série de encontros entre pastores, leigos, teólogos, com cientistas sociais brasileiros abordando temas da política, sociedade e cultura. *Cristo e o processo Revolucionário*, nome do encontro realizado no Recife, em 1962, organizado pelo setor de Responsabilidade Social da Igreja, foi o ápice desse espaço, no qual cientistas sociais brasileiros de renome como Paul Singer, Gilberto Freyre diagnosticavam a pastores de diferentes denominações os principais desafios e dilemas da sociedade daquele momento. Encarada como esquerdista pelos setores conservadores do protestantismo, a CEB passou a ser vista com desconfiança por parte de algumas lideranças devido a sua postura de diálogo com setores não eclesiásticos e pela crítica em relação às estruturas políticas, sociais, econômicas da sociedade brasileira.

Com o golpe militar de 1964, o setor de Responsabilidade Social da Confederação Evangélica do Brasil foi dissolvido e as igrejas se fecharam para aquele debate. Grupos mais conservadores assumiram o poder das denominações e ocorreu uma vigilância doutrinária maior por parte das lideranças evangélicas. Seminários foram fechados, membros expulsos, muitos daqueles protestantes envolvidos na CEB foi presa, exilada ou simplesmente silenciada. O diálogo e também o confronto de ideias e posições políticas deixou de ocorrer dentro das igrejas para ser feito em outros espaços. A postura das alas progressistas da Igreja Católica, depois do Vaticano II em favor da crítica social, do diálogo ecumênico, permitiu aos protestantes e católicos progressistas a construção de espaços onde se desenvolveu uma numerosa produção de estudos voltados para o fenômeno religioso no Brasil.

Em meio a esse cenário, no final dos anos 1960, o sociólogo e jornalista Waldo Cesar lança a pioneira *Paz e Terra*, espaço de debate entre vários representantes do mundo religioso e acadêmico. No final dos anos 1970, outro importante espaço de reflexão sobre o estudo da religião foi criado a partir da revista *Religião e Sociedade*, que tinha no seu corpo editorial professores universitários de projeção, teólogos, cientistas das diversas áreas, tais como, Alba Zaluar, Rubem César Fernandes, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem Alves, Duglas Teixeira Monteiro, Ivone Maggi, Leonardo Boff, Lísias Negrão, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Peter Fry, Renato Ortiz, Ralph della Cava e Thomas Bruenau.

Esse grupo de textos, inspirados pelo clima ecumênico e de diálogo ecumênico propiciado pela Teologia da Libertação e pelos financiamentos concedidos pelo Conselho Mundial de Igrejas, tinha por pano de fundo procurar por reformas eclesiásticas baseadas em procedimentos e teorias científicas. A sociologia, principalmente, será um instrumento para oferecer ao mundo eclesiástico um diagnóstico sobre a crescente secularização da sociedade brasileira, sendo ela própria um instrumento claramente eclesiástico. Trata-se do caso dos textos do jornalista e sociólogo Waldo Cesar que organiza *Protestantismo e Imperialismo na América Latina* (1968), (coletânea de artigos diversos, que contém a participação de Beatriz Muniz de Souza, Richard Shaull, e do próprio autor) e *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro* (1973), que contém levantamento bibliográfico do protestantismo e funcionava como uma provocação para os novos estudos numa vertente científica. O texto *Inquisição sem fogueiras* (1985), do presbiteriano João Dias de Araújo é outro exemplo. O livro publicado pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) relatava o processo conservador pelo qual a IPB passou nos anos Boanerges Ribeiro, a partir do relato de um dos seus maiores contestadores, João Dias de Araújo. O autor utiliza-se, não apenas da sua memória e documentação pessoal, como também assume o papel de analista das situações vividas a partir de chaves sociológicas, para criticar o conservadorismo teológico vigente no presbiterianismo brasileiro e propor mudanças concretas na cúpula da igreja.

A dificuldade de classificação dos textos ocorre, porque aqueles trabalhos acadêmicos usavam dos métodos e teorias vigentes dos respectivos lugares de enunciação, mas não se diferenciavam muito desses trabalhos de vertente ecumênica. Ambos possuíam uma postura engajada e militante a favor de

reformas na estrutura teológica e organizacional do protestantismo. No caso específico das obras de Rubem Alves, Élder Dias Maciel, João Dias de Araújo, Waldo Cesar, são obras críticas em relação ao protestantismo do período, utilizava-se de parte do instrumental teórico da Sociologia para fazer diagnósticos sobre ele, para, posteriormente, apresentar medidas propositivas: defesa de uma reforma eclesiástica para uma maior participação das igrejas evangélicas na vida política e social do país; cooperação eclesiástica em causas assistenciais; renovação teológica instigando uma produção nacional; reformas na liturgia levando em consideração aspectos da cultura popular brasileira. Embora acadêmicas, não deixaram de ser eclesiásticas, pois desejavam e ofereciam caminhos para reformar as igrejas protestantes brasileiras, sobretudo as chamadas históricas.

Sérgio Miceli (Miceli,1995) nos mostra a multiplicidade de estudos e estudiosos das ciências humanas a partir dos anos 1970, os seus diferentes engajamentos e locais de enunciação e a dificuldade de uma compreensão global de um evento essencialmente multifacetado que foi o desenvolvimento das ciências humanas no Brasil. Um desafio maior ainda se faz, quando investigamos a particularidade das obras e seus autores que teriam dado origem ao estudo do protestantismo. Antigos pastores progressistas, que sonhavam com uma religião diferente daquela que receberam dos pais, seminaristas encantados com a possibilidade de trazer as experiências e aprendizados do mundo estudantil universitário para as respectivas igrejas, ateus, agnósticos, líderes religiosos conservadores, leigos e líderes expulsos de suas comunidades evangélicas, fiéis que foram entregues pelos seus líderes espirituais aos órgãos de repressão militar sob a alcunha de comunistas, compunham o quadro dos interessados no estudo do protestantismo após os anos 1970.

Atribui-se a esse grupo de autores e ao conjunto de suas obras, o nascimento de uma sociologia do protestantismo e uma historiografia crítica do protestantismo a partir do qual se buscou uma interpretação do protestantismo a partir da relação estabelecida entre ele e a sociedade brasileira, em especial, na esfera política, nos diversos grupos sociais, e na sua relação com a cultura brasileira. Partindo da premissa que o protestantismo era uma religião estrangeira, importada, dotada de aspectos teológicos e litúrgicos do mundo anglo-saxão, esses estudiosos fizeram um exercício de releitura da história (sobretudo a sua origem missionária) não para exaltá-la ou visualizar nela

modelos inspiradores para o presente e o futuro, mas, justamente, questionar essa visão histórica: questiona-se a ênfase no proselitismo religioso, o anticatolicismo, o rigor comportamental, a presença dos colégios restritos a elite brasileira e a ideia de superioridade religiosa e civilizacional dos protestantes. Com o impulso da teologia da libertação, dos anos 1970 até os anos 1990, esses estudiosos protestantes não apenas questionam a forma de inserção social, política e cultural até então construída pelos protestantes, mas procuram alternativas teológicas, litúrgicas, a construção de espaços de diálogo e discussão, para a construção de um protestantismo voltado para a ação social e para o diálogo ecumênico.

A maior parte desses estudos estava mais próxima da Sociologia, Antropologia e Teologia. Estes textos trouxeram uma leitura crítica do protestantismo em dois níveis: o primeiro foi da crítica teórico-metodológico, embasando seus trabalhos em metodologias e referências teóricas próprios da sociologia da religião como Émile Durkheim, Max Weber, Karl Manheim e Peter Berger ante a pouca organização dos trabalhos eclesiásticos que lhes antecedia e ainda era produzida; o segundo nível, decorrente do primeiro, foi a crítica ao legado do protestantismo no Brasil, ao relativizar a atuação religiosa, política, social, e cultural do protestantismo na sociedade brasileira. A militância do mundo religioso, o ambiente social e acadêmico, os instrumentais sociológicos, a crítica teórica-metodológica fazem desses estudos um espaço de confluências onde a busca pela construção de estudos “acadêmicos” não era vista pelos seus estudiosos como face separável da sua própria militância religiosa e política.

No conjunto, levando em consideração os diferentes espaços de produção e interesse pelo estudo do protestantismo, observarmos a partir do título de alguns trabalhos, enfoques provocativos e críticos associando o protestantismo ao imperialismo norte-americano (caso de *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*, reunião de artigos organizados por Waldo Cesar), à repressão e perseguição religiosa no período militar (*Protestantismo e Repressão*, de Rubem Alves, *Inquisição sem fogueiras*, de João Dias de Araújo), recortes cronológicos mais definidos e temáticas matizadas (caso de *Protestantismo no Brasil monárquico, 1822-1889: aspectos culturais da atuação do protestantismo no Brasil*, de Boanerges Ribeiro; *O Protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, de David Gueiros Vieira). Uma das características mais notáveis é que, a partir dos anos 1970, existem congruências em relação ao local de produção

dos autores e um elo entre eles. Diferentemente dos textos de história eclesiástica produzidos antes dos anos 1970 (obras que eram iniciativas amadoras de pastores autodidatas), as obras produzidas pelos ecumênicos indicam não só uma proximidade de trajetórias biográficas (composta majoritariamente de presbiterianos ou ex-presbiterianos que, posteriormente, se reúnem em organismos ecumênicos) mas convergência de militância nos anos 1970. Podemos dizer que, a partir dos anos 1970 existe um local institucionalizado de pesquisa que eles próprios ajudaram a criar, deixando de ser, ao menos do ponto de vista da Sociologia, iniciativas amadoras de pesquisa.

No final dos anos 1970, no caso específico dos trabalhos de História, foi criada a pioneira iniciativa do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) que, dentro do ambiente ecumênico e da Teologia da Libertação construíram um espaço de estudos sobre a História da Igreja na América Latina. O projeto iniciado, sob a presidência do teólogo Enrique Dussel e, no Brasil, coordenado por Eduardo Hoornaert, propunha uma crítica à história eclesiástica desenvolvida até aquele momento, centrada nos líderes políticos e na própria instituição. Os idealizadores da CEHILA propunham um ambicioso projeto de construção de uma *História da Igreja no Brasil* (1979), a partir da Teologia da Libertação, ou seja, a construção de uma história da igreja a partir dos pobres.

No Brasil, a iniciativa da CEHILA impulsionou trabalhos pioneiros a respeito do catolicismo popular, dentre eles, os livros de Eduardo Hoornaert *O catolicismo brasileiro* (1974) e a grande coleção, que hoje possui três volumes, da *História da Igreja no Brasil*. Os trabalhos avançaram, significativamente, na percepção da religiosidade popular brasileira, através de uma leitura que incluía os negros, os índios e as camadas mais pobres da população. Visualizava-se nessa religiosidade chamada de popular, a expressão do oprimido. A História da Igreja construída pela CEHILA, contudo, centrou seus estudos na Igreja Católica, dando pouco espaço para pensar o cristianismo não católico na América Latina.

Nos anos 1980, Alexander Duncan Reily, pastor metodista e de militância ecumênica, publicou dois livros: *História do Metodismo Brasileiro e Wesleyano* (1981) no qual ele analisa, criticamente, o processo de autonomia e a configuração do metodismo brasileiro, e, a primeira iniciativa de coleta documental do protestantismo intitulada, *História Documental do Protestantismo*

no Brasil (1993). Nessa coletânea, o autor oferece um panorama dos maiores grupos protestantes do Brasil (recortando os documentos de momentos decisivos como cismas, estabelecimento de doutrinas) e os documentos que mostravam os esforços de protestantes progressistas a partir do ecumenismo. Em 1985, Antonio de Gouvêa Mendonça defende a tese, *O Celeste Porvir- A Inserção do Protestantismo no Brasil*, no departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. Mendonça era pastor da Igreja Presbiteriana Independente e um dos fundadores do Instituto Metodista Superior; construiu uma análise histórica do protestantismo brasileiro, pioneira, a partir da história da teologia dos movimentos missionários norte-americanos do século XIX e na análise sociológica da relação construída entre protestantes (primordialmente presbiterianos) e a sociedade brasileira. Dentro da mesma perspectiva, o professor Carl Joseph Hann, escreveu *A História do Culto Protestante no Brasil* (1989) no qual analisa os manuais litúrgicos utilizados pelas igrejas evangélicas como expressão da pouca presença de reflexão teológica no Brasil e a dependência das matrizes teológicas norte-americanas. Observa-se, a partir dos anos 1980, o crescimento do número de dissertações e teses defendidas nos programas do Instituto Metodista Superior, atualmente, Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo e pesquisas isoladas em departamentos de História, relativas ao protestantismo, tais como os trabalhos defendidos por de Marli Geralda Teixeira, *Nós, os batistas* (1983).

Devido a esse cenário ecumênico que impulsionavam as pesquisas é muito difícil estabelecer um recorte disciplinar dentro desse cenário de produção complexo, de difícil classificação, no qual o eclesiástico e o acadêmico se interpenetram. Estamos falando principalmente dos trabalhos construídos nas Universidades confessionais e nos cursos de Ciências da Religião que, até os anos 2000, eram o principal local de estudos do protestantismo (Capelari, 2001). Devido à própria epistemologia dos cientistas da religião, que consideram a religião um objeto privilegiado, portador de singularidades e especificidades que exigem readequações teóricas e metodológicas das mais diversas áreas do conhecimento, muitos dos trabalhos desenvolvidos transitam no limite entre a Sociologia, a História, a Teologia, a Antropologia e Filosofia. Existe uma tendência, devido a esse aspecto, de desconsiderar essa produção como academicamente legítima ou “academicamente impura”.⁷

A “opção ecumênica” e a compreensão do protestantismo brasileiro

A fim de abrir uma discussão sobre as implicações da proximidade entre meio acadêmico, militância religiosa e ecumenismo no estudo do protestantismo, cito um trecho do artigo de Rubem Alves, *A Volta do Sagrado*, publicado no final dos anos 1970:

Os cientistas que se dedicaram a fazer uma análise crítica do Protestantismo são, todos eles (na medida em que conheço), ex-pastores, ex-seminaristas, ex-líderes leigos forçados a deixar suas funções. Não se encontra em seus trabalhos a atitude amorosa que marca, por exemplo, os relatos de Émile-G. Léonard. Os trabalhos, sem exceção, procuram as relações do Protestantismo com os processos de invasão cultural e ideológica que marcaram a expansão colonial norte-americana. O Protestantismo é analisado como uma ideologia repressora, totalitária, que se encontra em casa num Estado Capitalista e totalitário. O que explicaria, em parte, o seu silêncio no Brasil após 1964. (Alves, 1979, p. 134-135)

A afirmação de Rubem Alves relaciona o perfil dos pesquisadores e as abordagens temáticas sobre o protestantismo brasileiro. Por terem sido ex-membros e terem saído à força das suas igrejas, os estudiosos optaram por temas vinculados à face repressora e totalitária do protestantismo. Esses autores fizeram, portanto, da experiência vivida dentro das comunidades evangélicas no período militar, a sua principal fonte de investigação. Eles procuravam entender a aproximação das igrejas evangélicas com o regime militar e, especialmente, compreenderem as decisões das cúpulas das igrejas para com a sua intelectualidade progressista. O argumento encontrado para explicar tanto a aproximação com regime militar, quanto à intolerância com os membros progressistas foi associar o protestantismo ao processo de invasão ideológica e cultural norte-americana, um argumento bastante difundido pela intelectualidade católica nos anos 1920 e 1930⁸.

O que Rubem Alves evidencia naquela fala é que o estreito vínculo eclesiástico e acadêmico não era apenas vinculado à trajetória biográfica dos autores. Ela é mais profunda. Trata-se da escolha de abordagens temáticas para atender aos anseios de mudança na estrutura das igrejas ao qual pertenciam. Ecumênicos, eles defendiam reformas que aproximassem as igrejas evangélicas das novas demandas da sociedade brasileira dentre elas: construir outra resposta teológica para os novos grupos sociais urbanos (trabalhadores, estudantes, intelectuais de esquerda); adequar a liturgia à cultura popular

brasileira; e romper com a herança teológica norte-americana do século XIX. Autores como Alves pretendiam um retorno à Reforma do século XVI, que para eles guardava o espírito da modernidade e da democracia. Portanto, como já afirmado, os primeiros estudos desenvolvidos fora das igrejas, nos anos 1970 e 1980, inegavelmente tinham temáticas eclesiásticas.

Para pensar as implicações dessa proximidade entre meio acadêmico e militância religiosa, acredito que é necessária uma contextualização conjunta do cenário religioso; das mudanças em curso na sociedade e nas ciências humanas no Brasil; bem como, inserir nesse debate, a produção eclesiástica nacional evangélica e católica que antecedeu a entrada do protestantismo na academia. Trata-se de livros que raramente analisamos por considerá-los demasiadamente apologéticos e metodologicamente ultrapassados, contudo, eles foram, para a maioria desses estudiosos ecumênicos e acadêmicos, livros de formação e ponto de diálogo a partir do qual construíram e desenvolveram suas pesquisas. Em recente estudo, analisei a produção de livros de história eclesiástica protestante no período de 1928 e 1982 (Watanabe, 2011) e pude constatar que muitos dos seus temas são os mesmos das primeiras obras acadêmicas sobre o protestantismo. No caso da História, os estudiosos “críticos” se utilizaram das informações desses autores eclesiásticos, e não contestaram as fontes, teorias e procedimentos metodológicos utilizados por esses. Muitas das chaves de leitura construídas pelos estudiosos ecumênicos e acadêmicos estão embasadas em frágeis indícios documentais e procedimentos historiográficos dos historiadores eclesiásticos dos anos 1930. Dessa forma, temos indícios de que os primeiros estudos acadêmicos criticaram a atuação do protestantismo na sociedade brasileira, mas pouco avançaram na crítica documental para construir um estudo crítico.

A história do protestantismo ecumênico ajuda-nos a compreender como o ecumenismo influencia e influenciou o desenvolvimento dos estudos dos protestantes no Brasil. Constata-se, portanto, que do ponto de vista institucional, é impossível desvincular os atuais espaços de pesquisa (centros de documentação, revistas, bibliotecas) e obras que norteiam os estudos do protestantismo, sem antes entender o cenário religioso e os embates político eclesiásticos nos 1970. Contudo, temos a consciência de que o debate crítico e aprofundado relativo às interfaces entre o eclesiástico e o acadêmico no estudo do protestantismo está apenas começado.

Referências

ALVES, Rubem. A volta do sagrado (Os caminhos da Religião no Brasil). *Religião e Sociedade*, n. 3, p.109-141, 1979.

_____. Protestantismo e repressão. São Paulo: Ática, 1979.

ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985.

BRAGA, Erasmo & GRUBB, Kenneth. *The Republic of Brazil. A survey of the religious situation*. World Dominion Press: London, New York, Toronto, 1932.

CAMARGO, Candido Procópio (org). *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

CAMPOS, Leonildo. O discurso acadêmico de Rubem Alves sobre "protestantismo" e "repressão": algumas observações 30 anos depois. In: *Religião & Sociedade* [online], 2008, vol.28, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000200006>. Acesso em: 24 nov. 2012.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *Sob o olhar da razão: as religiões não católicas e as Ciências Humanas no Brasil (1900-2000)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CESAR, Waldo. *Para uma sociologia do Protestantismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *Protestantismo e Imperialismo na América Latina*. São Paulo: Vozes, 1968.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FRANCA, Leonel. *Catholicismo e Protestantismo*. Rio de Janeiro: Smidt Editor, 193-.

HAHN, Carl Joseph. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro 1550-1800*. Petrópolis: Vozes, 1974.

HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van de ; BROD, Benno. *História da Igreja no Brasil*. Ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira época. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

LÉONARD, Émile-G. *O Iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Paulo, Imprensa Metodista, 1988.

_____. *O Protestantismo Brasileiro*. Estudo de Eclesiologia e História Social. Trad. Linneu de Camargo Schutzer. 3. ed.. São Paulo: ASTE, 2002.

LESSA, Vicente Themudo. *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo*. Edição da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo: São Paulo, 1938.

MACIEL, Elter Dias. *O pietismo no Brasil*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, 1972.

MICELI, Sérgio (org). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré/ Fapesp, 1995.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa de & VELÁSQUES, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. *O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Editora IMS, 1995.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Perseguidos, mas não desamparados: 90 anos de perseguição religiosa contra os batistas brasileiros (1880-1970)*. Rio de Janeiro: JUERP, 1999.

PIERSON, Paul Everest. *A Younger Church in a search of maturity*. San Antonio: Trinity University Press, 1974.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Sociologia da Religião. Área Impuramente Acadêmica. In: MICELI, Sergio (Org.) *O que ler na ciência social brasileira*. v. 2 (Sociologia). São Paulo: Ed. Sumaré; Brasília: ANPOCS/CAPES, 1999, p.237-286.

REILY, Duncan Alexander. *História Documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1993.

_____. *Metodismo Brasileiro e Wesleyano*. Reflexões Históricas sobre a Autonomia. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico, 1822- 1889: aspectos culturais da atuação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1974.

ROSSI, Agnelo. *Diretório Protestante no Brasil*. Campinas: Tipografia Paulista, 1938.

SOUZA, Beatriz Muniz. *A experiência da salvação*. Pentecostais em São Paulo. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

VIEIRA, David G. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

TEIXEIRA, Marli Geralda. “... Nós os Batistas” Um estudo de História das Mentalidades. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

_____. *Os batistas na Bahia: 1882-1925: um estudo de história social*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

WATANABE, Tiago H.B. *Escritos nas Fronteiras: os Livros de História do Protestantismo Brasileiro (1928-1982)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

¹ Obras produzidas no Princeton Theological Seminary: FRASE, Ronald Clenn. *A sociological Analysis of the Development of Brazilian Protestantism: A Study in Social Change*. Tese (doutorado em Teologia), Princeton Theological Seminary, Princeton, 1975; PIERSON, Paul. *The younger church in a search of Maturity, the History of the Presbyterian Church in Brazil from 1910 to 1959*. Tese (Doutorado em Teologia), Princeton Theological Seminary, Princeton, 1971.

² Obras produzidas no Southern Baptist Theological Seminary: BELL, Lester C. *Factors Influencing Douctrinal Development Among the Brazilian Baptists*. Tese (Doutorado em Teologia), Southwestern Baptist Theological Seminary, Forth Worth, 1956. DUBOSE, Francis. *A History of Southern Baptist Mission in Latin America*. Tese (Doutorado em Teologia), Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1961. HAWKINS, Dorine Cobb. *The Development and Influence of the Woman's Missionary Training School's in Brazil*. Tese (Doutorado em Teologia), Southwestern Baptist Theological Seminary, Forth Worth, 1957. KASCHEL, Werner. *Baptist Ministry and Underdevelopment in Brazil*. Tese (Doutorado em Teologia), Southern Baptist Theological Seminary, Forth Worth, 1971. KEY, Jerry. *The Rise and Development of Baptist Theological Education in Brazil, 1881-1963: A Historical and Interpretative Survey*. Tese (Doutorado em Teologia), Southwestern Baptist Theological Seminary, Forth Worth, 1965. MEIN, David. *The Contributions of the Baptists to the Life of Brazil*. Tese (Doutorado em Teologia), Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1945. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. *The Persecution of Brazilian Baptists and Its Influence in their Development*. 1971. Tese (Doutorado em Teologia), Southwestern Baptist Seminary, ForthWorth. STOVER, Sherrod Sylvester. *Beginning and Progress of the Religious Educational Agencies of the Southern Baptist Convention of Minas Gerais, Brazil*. Tese (Doutorado em Teologia), Southern Baptist Seminary, Louisville.

³ Trabalhos produzidos na Columbia University: ADDRESS, Paul. *An Educational Approach to the Work of the Protestant Church in Latin America*. Tese (doutorado em s/d). Columbia University, New York, 1951. CURRY, Donald Edward. *Lusiada: An Anthropological Study of Protestantism in Brasil*. Tese (Doutorado s/d), Columbia University, New York, 1968. GALVÃO, Eneas Eduardo. *The Religion of an Amazon community: a Study in Cultural Change*. Tese (Doutorado em s/d), Columbia University, New York, 1952.

⁴ Trabalho produzido na University of California: COSTA, Esdras Borges. *Protestantism, modernization and cultural change in Brazil*. Tese (Doutorado em Sociologia), University of California, Berkley, 1979.

⁵ Trabalho produzido na University of Chicago: HITES, Lair Thomas. *An Investigation of Southern Baptist Mission Work in Rio de Janeiro, Brazil*. Tese (Doutorado em s/d), University of Chicago, Chicago, 1929.

⁶ Trabalho produzido na University of Florida: MINNICH, Reynolds. *A Sociological Sudy of the Menonite Communities of Pará, Brazil*. Tese (Doutorado s/d), University of Florida, Gainesville, 1969.

⁷ Antonio Pierucci, professor da USP, em seu polêmico artigo *Sociologia da Religião. Área Impuramente Acadêmica* (1999) entende que a Sociologia da Religião no Brasil foi e é composta, majoritariamente, por militantes e ex-militantes do mundo religioso. Pierucci mostra que os primeiros locais de produção de estudos das religiões realizado por esses pesquisadores acima citados possui uma prestação de contas dos seus estudiosos em relação ao meio eclesiástico que abandonaram. Pierrucci utiliza-se do que Bourdieu entendia ser uma "sociologia da paróquia".

Nas entrelinhas, Pierucci faz uma defesa do seu próprio espaço institucional. O passado impuro se mostra como desafio frente à necessidade de uma profissionalização do campo de estudos. Para ele, ela se torna possível quando seus cientistas não se pautam nas demandas eclesiásticas ou nas suas próprias intenções individuais de autoconhecimento para o entendimento do objeto. A leitura

crítica não pautada nas demandas das próprias igrejas permitiria o entendimento dos fenômenos religiosos e o desenvolvimento teórico e metodológicos próprios; próprios de campo de estudos mais consistente. Indiretamente, está posta a crítica aos outros espaços de estudo da religião no Brasil, principalmente, os centros nascidos do período ecumênico como os cursos de graduação e pós-graduação de Ciências da Religião.

⁸ Trata-se de um argumento bastante difundido pela intelectualidade católica brasileira nos anos 1920 e 1930. Naquele período, os intelectuais católicos Leonel Franca (1932) e Agnelo Rossi (1938) afirmavam que a identidade nacional estava vinculada ao catolicismo brasileiro. Os protestantes, assim como os espíritas e comunistas eram vistos por se apresentarem como alternativa religiosa, como perigo e ameaça à identidade nacional. A grande ironia é que a Confederação Evangélica do Brasil, criada em 1934, e que era o local de onde viera a maior parte dos intelectuais protestantes dos anos 60 e 70, nascera para justamente combater esse argumento e a ofensiva católica contra os protestantes nos anos 1930.

Recebido em 01/10/2012, revisado em 19/11/2012, aceito para publicação em 30/11/2012.